

Dossier de Imprensa

FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica

28 de maio a 19 de junho | Porto, Matosinhos e VN Gaia

28 | maio

Teatro

Espetáculo de Abertura

Suite Nº 2 (FRANÇA)

Encyclopédie de la parole / Joris Lacoste

Grande Auditório MO – Teatro Rivoli

28 maio

sábado

21h30

Duração: 1h25 (aproximadamente)

Em 2013, o coletivo “Encyclopédie de la Parole” iniciou um ciclo de quatro “Suites Corais” baseado no mesmo princípio: a reprodução, ao vivo, de documentos retirados da coleção áudio deste projeto. A Suite Nº 1 foi dedicada a colocar em palco alguns dos elementos diferenciadores do discurso humano: como falamos, como aprendemos a falar, a balbuciar, a tagarelar, o burburinho, o vocabulário básico, a alegria de falar por falar, o jogo da tradução e o prazer de idiomas que não entendemos. No fundo, um espetáculo em nove idiomas, 45 cenas e 23 atores (incluindo 11 convidados).

A segunda Suite – Suite Nº 2, que é agora apresentada orquestra discursos como ações quotidianas. Um conjunto de palavras boas e palavras que assustam o mundo. Palavras que lutam, palavras que sofrem, palavras que dão esperança. São assim palavras que dançam e palavras que fazem amor, que decidem, que ameaçam, que condenam e matam. Palavras que pedem misericórdia. Palavras que brincam com o fogo, palavras que voam para longe e desaparecem acima do oceano. Todas estas palavras reais. Todas (e cada uma delas) são pronunciadas todos os dias, nalgum local do mundo, colecionadas pela “Encyclopédie de la Parole”. Elas encontram-se agora neste espetáculo, carregadas por um quinteto de intérpretes, dirigidos por Joris Lacoste e harmonizados pela música de Pierre-Yves Macé.

Ficha Técnica e Artística

Conceção: Encyclopédie de la Parole

Composição e Direção: Joris Lacoste

Música: Pierre-Yves Macé

Interpretação: Vladimir Kudryavtsev, Emmanuelle Lafon, Nuno Lucas, Barbara Matijevic, Olivier Normand

Colaboração: Elise Simonet

Desenho de Luz e Vídeo: Florian Leduc

Som: Stéphane Leclercq

Figurinos: Ling Zhu

Vídeo: Thomas Koppel

Assistente de Vídeo: Diane Blondeau

Tradução: Marie Trincaretto

Treino Vocal: Valérie Philippin, Vincent Leterme, Azhar Abbas, Amalia Alba Vergara, Mithkal Alzghair, Sabine Macher, Soren Stecher-Rasmussen, Ayako Terauchi Besson

Produção: Dominique Bouchot et Marc Pérennès, Echelle 1:1 (com o apoio do Ministério da Cultura e da Comunicação de França)

Coprodução: T2G Théâtre de Gennevilliers / Festival d'Automne à Paris, Asian Culture Complex – Asian, Arts Theater Gwangju, Kunstenfestivaldesarts, Théâtre Vidy-Lausanne, Steirischer Herbst Festival, Théâtre Agora-Seinendan, La Villette - résidences d'artistes 2015, Théâtre national de Bordeaux en Aquitaine, Rotterdamse Schouwburg

Suite N°2 é coproduzido pelo NXTSTP com o apoio do Programa Europa Criativa e a ajuda do Instituto Francês.

Parceria: Rivoli / Alkantara

Encyclopédie de la Parole é um projeto artístico que explora a palavra falada nas suas diferentes formas. Desde 2007 que este grupo de músicos, poetas, realizadores, artistas visuais, atores e curadores recolhe todos os tipos de gravações de palavras e, de seguida, coloca-as no seu site, de acordo com as suas propriedades particulares como a cadência, a ênfase, a saturação ou a melodia. A partir desta coleção, que agora inclui cerca de 800 documentos de som, produz peças sonoras, espetáculos, palestras, jogos e exposições. Atualmente, o projeto é composto por Frédéric Danos, Emmanuelle Lafon, Nicolas Rolantes, Joris Lacoste, David Christoffel, Valérie Louys e Elise Simonet.

Notas Biográficas

Joris Lacoste nasceu em 1973, vive e trabalha em Paris, França. Escreve para teatro e rádio desde 1996 e começou a fazer os seus próprios espetáculos em 2003. Iniciou dois projetos de grupo – “W”, em 2004, e “Encyclopédie de la Parole”, em 2007, tendo criado vários espetáculos e apresentações no âmbito destes dois projetos, que ainda se mantêm no ativo. Em 2009 lançou o projeto “Hypnographie” para explorar os usos artísticos da hipnose, tendo apresentado vários trabalhos na rádio, em museus e em vários palcos do mundo.

CONCERTOS

Concerto

Palankalama (PORTUGAL)

Teatro do Bolhão – VAGA (Mostra de Artes e Ideias)

28 maio

sábado

23h30

Palankalama é um quarteto dedicado à música instrumental, oriundo da cidade do Porto. As suas composições inspiram-se na música tradicional/folk de diversas regiões e imaginários. Cada música é uma procura de um cenário onde se desenvolve um argumento. Recorrendo à energia do rock, a narrativa é traçada pelos quatro elementos da banda, numa busca de lugares de "ficção".

Ficha Técnica e Artística

Bandolim, Cavaquinho (português), Guitarra: Pedro João

Guitarra: José Ricardo Nogueira

Contrabaixo: Aníbal Beirão

Bateria, percussão: Rui Guerreiro

Teatro

Concerto para Estrelas (PORTUGAL)

Teatro do Frio

Águas do Porto

29 de maio

domingo

22h00

Espetáculo antecedido do lançamento do disco

Depois de *Voyager* (2012) e *Oco* (2013), *Concerto para Estrelas* (2015) é o terceiro espetáculo do Teatro do Frio (TdFrio) que trabalha a relação entre som/palavra e espaço/intérprete. Entende a paisagem como lugar dialogante com o humano na sua escala geográfica e sensorial, beliscando as fronteiras da sensação, da percepção e da ficção. O espetáculo convida o público para uma experiência imersiva comandada por sons, sonoridades, palavra e contemplação, enraizada no lugar geográfico e inspirada pelo espaço celeste, que quer colidir com a paisagem e com o corpo. Para acelerar a viagem singular e sensorial, o público vai experienciar a performance através de auscultadores distribuídos no local, antecedido por um breve trajeto em silêncio.

O *Concerto para Estrelas* foi idealizado para acontecer em locais com características peculiares, privilegiando-se áreas naturais, históricas, arqueológicas, mas sobretudo áreas com reduzida poluição sonora e luminosa.

O espetáculo

Concerto para Estrelas propõe uma viagem que interceta corpo e paisagem.

Com o Centro de Astrofísica da Universidade do Porto, questionámos: "Consegue descrever a sensação de plenitude ao contemplar o céu? O que continua a deslumbrar-vos na Astronomia? Saberão se o som (ou o silêncio) é um elemento discutido pela comunidade científica? O que é o campo magnético terrestre e como é que isso influencia os objetos na terra e os corpos celestes?"

Perceber escalas, distâncias, emoções numa noite escura, cálculos, comunidades, explosões, gases, novas enquanto super, espectros magnéticos, nebulosas.

A conversa alavancou o pensamento na relação com o espaço físico envolvente reequacionando as premissas do projeto. Tornamos a paisagem natural no nosso observatório de pesquisa e observação, para a criação de um espetáculo capaz de entender o corpo humano enquanto parte do lugar geográfico e a partir dessa relação propor um outro espaço, sonoro e textual, simultaneamente real e ficcionado. Encontro/dialogo - Paisagem/corpo.

Em *Concerto para Estrelas* a cenografia cartografa as características específicas dos espaços de apresentação, renovando-se em cada paisagem para realçar a sua singularidade. Garantindo a autonomia elétrica - não poluente - do espetáculo, proporciona um porto seguro à viagem estelar.

A música do espetáculo abarca ideias de sonoplastia e de técnicas de composição musical convencionais, gerando-se um universo sonoro em harmonia com as premissas do espetáculo, particularmente aquelas que dão ênfase ao entrelaçar do corpo com a paisagem. Inspirada por informação factual, como é o caso do movimento dos planetas, da gravidade, distâncias interplanetárias, brilho, o Efeito de Doppler, entre outros, a música está alicerçada na percepção de movimento e distância possibilitada pela escuta com auscultadores, sobretudo recorrendo a gravações binaurais.

A dramaturgia investigou as relações entre manual de instruções e poesia, ciência e filosofia, lengalenga e pulsação. Experimentou-se em improvisação com as composições sonoras em escrita, e na relação com um céu estrelado.

A companhia

Teatro do Frio – Pesquisa Teatral do Norte é um coletivo de criação e pesquisa teatral constituído em 2005. Privilegia o devising enquanto método para criação artística e escrita cénica de dramaturgias, numa lógica colaborativa que instiga os criadores ao diálogo interdisciplinar e assume o corpo do ator como espaço criativo e veículo de conhecimento. A direção artística é partilhada e rotativa, fruto da discussão e reflexão ativa dos fundadores e membros – corresponsáveis pelo delinear das linhas orientadoras plurianuais.

Ficha técnica e artística

Direção artística: Rodrigo Malvar

Composição musical: Filipe Lopes e Rodrigo Malvar

Texto: Catarina Lacerda

Intérpretes: Catarina Lacerda, Rodrigo Malvar, Filipe Lopes

Cenografia: Hugo Ribeiro

Figurinos e design gráfico: Susana Guiomar

Produção executiva: Inês Gregório / Pé de Cabra

Coprodutores: Dark Sky Alqueva

Apoio: Teatro de Ferro

Parceiros ao desenvolvimento da pesquisa teórica: Centro de Astrofísica da Universidade do Porto

Notas Biográficas

Rodrigo Malvar - Curso de Interpretação na ESMAE. Mestre em Criação Artística Contemporânea na UA.

Cofundador do TdFrio, Mad4ideas e ar_search.

Recentemente dirigiu os espetáculos *Placa*, *Oco* e *The Hypnos Club*, vencedor do prémio inovação no Fatal, e codirigiu *Voyager#1*. A convite do festival SURGE/Escócia, integra o International Emerging Artists Residence, onde cria e interpreta o espetáculo *Skinless*.

Desenvolve uma investigação pessoal, articulando o trabalho físico e vocal desenvolvido com Ewan Downie na Company of Wolves, com os espetáculos *Invisible Empire* e *Seven Hungers*.

Ajuda à criação de *Opus Tutti*, *Peça a Peça* com a Companhia de Música Teatral.

Assinou sonoplastias para companhias de teatro e dança como o Teatro do Frio, Company Nux, Erva Daninha, Radar 360o, Balleteatro, e concebeu a performance musical *Ignorâncias*.

Concebe a instalação sonora *Fuga Geográfica*, pela qual recebe uma menção honrosa no concurso Jovens Criadores de Aveiro na categoria de Artes Digitais. Expõe esta instalação em Portugal, Espanha, Itália e Roménia.

Expôs a peça de arte sonora *Prossigo* no Festival de Som e Arquitetura Rural e a peça *Lamento* no Divina Sonus Ruris: Festival de Som e Religião.

A convite do Serviço Educativo do Museu do Douro desenvolve duas instalações sonoras interativas, *Cross* e *Apeadeiros*.

Filipe Lopes - Em 2003 licenciou-se em Educação Musical na Escola Superior de Educação do Porto.

Em 2007 completou o bacharelato em Composição na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto (ESMAE), criando laços fortes com a música eletrónica e tecnologias computacionais.

Em 2006 vence o prémio “melhor áudio experimental” no Festival Black&White e em 2007 foi compositor residente na Miso Music Porto (LEC).

Em 2009 finalizou o mestrado no Instituto de Sonologia, em Haia, onde desenvolveu um *software* de geração de partituras em tempo real: *Ōdaiko*.

Lecionou música eletroacústica na ESMAE entre 2009 e 2011, onde também fundou o ensemble 343.

De setembro de 2010 a agosto de 2012 foi curador do projeto Digitópia, na Casa da Música, onde já desenvolvia atividade regular desde 2007 como colaborador, criador de workshops, concertos e *software* na área da educação musical.

Em 2012, foi um dos vencedores do prémio Cri.D.A. organizado por Guimarães - Capital Europeia da Cultura, e em 2013 vence o prémio europeu ECPNM para obras de música eletroacústica em tempo real, usando o *software* de geração de partituras em tempo real que desenvolveu: “Do Desenho e do Som”.

Atualmente é bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), encontrando-se a fazer um doutoramento em Digital Media na Universidade do Porto e UT Austin. Sob a orientação de Carlos Guedes e Bruce Pennycook, investiga a relação entre composição musical e espaço.

1 e 2 | junho

Teatro

Las Ideas (ARGENTINA)

Federico León

Teatro Nacional São João

1 e 2 de junho

quarta e quinta-feira

21h00

Um artista e o seu colaborador trabalham no estúdio deste último para desenvolver diferentes projetos artísticos. O que parece ser um encontro informal entre dois amigos converte-se paulatinamente numa intensa jornada criativa.

A obra tem lugar sobre uma mesa de pingue-pongue desarrumada que ambos utilizam como mesa de trabalho.

Esta mesa é também um computador, cuja imagem é ali projetada. Podemos ver registos de ensaios, material de outros projetos em diferentes etapas criativas, ideias para futuras obras, ideias que se lhes ocorrem no momento e que se vão incorporando e também outras que vão sendo descartadas e que foram atiradas para o caixote da reciclagem do computador.

Sobre a mesa, artista e colaborador têm um constante intercâmbio – um autêntico pingue-pongue de ideias e teorias.

O espetador é convidado a seguir este processo visceral em tempo real: como surgem as ideias; que mecanismos são ativados para colocá-las em prática; hipóteses e teorias são analisadas e confrontadas. Tudo aquilo que o espetador vê transforma-se em possível material para uma obra. Por vezes é difícil

distinguir aquilo que faz parte das suas vidas daquilo que é a experiência artística. Por um momento podemos entrar na cabeça de um artista e submergirmo-nos nas suas ideias através do computador pessoal. Vemos como escreve, apaga, corrige e navega pela internet.

Conhecemos os seus arquivos, as suas associações de ideias, a sua forma de classificar, de organizar e também de desorganizar. O computador converte-se em mais uma personagem.

Artista e parceiro tentam determinar o que deveria ser o real numa obra ou o que é necessário gerar para que a obra pareça real. Por exemplo, numa cena em que se bebe whisky: é conveniente que seja whisky de verdade ou resultaria melhor beber chá que simulasse ser whisky?

Enquanto o espetador é confrontado com estas perguntas, os atores bebem algo que parece ser whisky. Será mesmo? Será chá?

A obra permite colocar em causa uma série de preconceitos sobre a ficção. O espetador não sabe que decisão tomaram para levar a obra à cena. Outro exemplo, como fazer com que os espetadores assumam que o dinheiro que aparece em cena é verdadeiro? Deveriam usar um detetor de notas falsas? Mas como saber se esse aparelho é real? Com um detetor de detetores? As questões multiplicam-se e geram novas inquietudes...

Las Ideas trabalha os limites entre realidade e ficção. Coloca em cena a intimidade de um processo criativo. Trata-se de um processo semelhante aquele que Federico León (autor e encenador) poderia atravessar nos seus trabalhos com Julián Tello (ator e colaborador). As ideias poderiam ser suas mas não necessariamente as suas ideias. Eles são eles mas ao mesmo tempo fazem de si próprios.

Ficha Técnica e Artística

Direção: Federico León

Atores: Julián Tello & Federico León.

Assistência de direção: Rodrigo Pérez & Rocío Gómez Cantero.

Produção: Rodrigo Pérez & Rocío Gómez Cantero.

Assistência geral: Melisa Santoro Aguirre & Antonella Saldicco

Cenografia: Ariel Vaccaro

Música e desenho de som: Diego Vainer

Desenho de luzes: Alejandro Le Roux

Figurinos: Paola Delgado

Casting: Maria Laura Berch.

Fotografia: Ignacio Iasparra.

Ator em ensaios: Ignacio Rogers.

Assessoramento técnico: Paula Coton & Agustín Genoud.

Câmara & fotografia: Guillermo Nieto.

Gaffer: Guillermo Saposnik.

Direção de arte: Mariela Ripodas.

Execução de objetos: David D'Orazio.

Som: Diego Vainer.

Edição: Andrés Pepe Estrada.

Pós-produção: Alejandro Soler.

Assistência: Malena Juanatey.

Atores em vídeo: Alejandra Manzo, Maitina De Marco, Pablo Gaslioli, Alejandro Ini, Bárbara Irisarri, Ana Maria Monti, Patricia Russo, María Laura Santos, José Maria Seoane, Alfredo Staffolani, Martín Tchira, Emanuel Torres, Antonella Querzoli, Gabriel Zayat.

Agentes: Judith Martin & Carlota Guivernau

Coprodução: Kunstenfestivaldesarts (Bruselas), Iberescena (Espanña), FIBA (Festival Internacional de Buenos Aires), El Cultural San Martín (Buenos Aires), Fundación Teatro a Mil (Santiago de Chile), La Bâtie – Festival de Genève (Suíza), Festival D'Automne à Paris –Théâtre de la Bastille (Francia).

Notas Biográficas

Federico León nasceu em Buenos Aires em 1975.

Em teatro, escreveu e encenou *Cachetazo de campo*, *Museo Miguel Ángel Boezzio*, *Mil quinientos metros sobre el nivel de Jack*, *El adolescente*, *Yo en el Futuro* y *Las Multitudes*.

Escreveu, realizou e atuou no seu primeiro filme, *Todo juntos*. Em 2007 escreveu e realizou, com Marcos Martínez, o seu segundo filme: *Estrellas*. Em 2009, com Martín Rejtman, escreveu e realizou *Entrenamiento elemental para actores*. Em 2014 fez "La última película", uma série de intervenções em antigos cinemas transformados em parques de estacionamento.

Já obteve uma série de distinções pelo seu trabalho: Primeiro Premio de dramaturgia do Instituto Nacional de Teatro, Fondo Nacional de las Artes, Primeiro Prémio Nacional de dramaturgia 1996-1999, entre outros. As suas obras e filmes já foram exibidos em teatros e festivais na Alemanha, França, Holanda, Áustria, Itália, Dinamarca, Escócia, Canadá, Bélgica, Espanha, Brasil, Estados Unidos, Australia e Japão.

Como docente de teatro, já deu workshops em Espanha, França, Bélgica, Costa Rica, Bolívia e Argentina. Durante 2010, foi docente do Programa de Artistas da Universidad Di Tella juntamente com Martín Rejtman.

3 | Junho

Concerto

Orchestra of Spheres (NOVA ZELÂNDIA)

Teatro Rivoli

Understage

3 de junho

sexta-feira

23h30

Como estrelas, os Orchestra of Spheres orbitam e absorvem na sua órbita, existem num espaço de impossível definição, mas atuam da mesma maneira perante todos: provocando o êxtase com instrumentos self-made e levando o interlocutor à catarse.

Tudo nas esferas revela a perfeição da evolução física que vimos a estudar e a questionar desde os primórdios — e essas questões, quem somos? para onde vamos? são a génese do som dos neozelandeses,

que criam música de dança de raiz, com o empírico como base para a explosão e expansão, com o que fizemos, enquanto espécie, a cimentar a descolagem para o que faremos.

Site oficial: <http://www.orchestraofspheres.com/>

Facebook: <https://www.facebook.com/orchestraofspheres/?fref=ts>

3 e 4 | junho

Teatro

Pirandello (PORTUGAL)

mala voadora

Grande Auditório MO – Teatro Rivoli

3 e 4 de junho

sexta e sábado

21h30 e 19h00 respetivamente

***José Capela ganhou o prémio de melhor cenografia da SPA com este espetáculo.**

Pirandello não é uma encenação de uma peça de Pirandello, nem uma biografia do escritor italiano, autor multifacetado e distinguido com um Prémio Nobel da Literatura em 1934. Contudo, *Pirandello* é uma biografia: a história de Mattia Pascal, tal como a inventou Pirandello, em 1904, no livro *Ele Foi Mattia Pascal*. Foi este romance que a mala voadora adaptou para teatro, para fazer um espetáculo chamado *Pirandello*..

Numa viagem que faz para se afastar temporariamente da vida infeliz que tem, Mattia Pascal ganha uma pequena fortuna num casino e, quando regressa rico, depara-se com o seu próprio funeral. Trata-se naturalmente de um equívoco, mas ele vê ali a oportunidade de começar uma nova vida, num outro lugar, sem compromissos, sem um passado para além daquele que ele próprio inventará – uma vida que vai poder escolher com toda a liberdade. Mas nem tudo corre como ele esperaria: a sua nova vida obriga-o a mentir constantemente. Diz mentira a seguir a mentira. O que é ótimo.

Decidimos fazer *Pirandello* a partir deste romance de Pirandello porque preferimos as não identidades ao imobilismo das identidades (que, teimamos desde 2003, é contrário à arte) e porque é a mentir que se constroem ficções.

Pirandello, um elogio da ficção, é um laboratório de metateatralidade em torno de um texto não dramático do dramaturgo mais metateatral do século XX. Sobrepõe-se, ao abismo ficcional que caracteriza o romance, uma metateatralidade que não é aquela que Pirandello usa nos seus próprios textos dramáticos, mas uma outra, inventada a partir da narrativa não dramática.

Ficha Técnica e Artística

Direção: Jorge Andrade, com assistência de David Cabecinha

A partir de *Ele Foi Mattia Pascal* / *O Falecido Mattia Pascal* de Luigi Pirandello

Com: Anabela Almeida, Custódia Gallego, David Cabecinha, David Pereira Bastos, Jorge Andrade, Marco Paiva, Maria Ana Filipe, Mónica Garnel, Tânia Alves e, também, Joana Costa Santos. Cenografia José Capela, com edição de imagem de António MV e José Carlos Duarte.

Figurinos: José Capela.

Luz: João d'Almeida.

Banda sonora: Rui Lima e Sérgio Martins, com a participação de alunos da Escola de Música do Conservatório Nacional.

Imagem de divulgação: António MV, com fotografias de José Carlos Duarte.

Produção: Joana Costa Santos.

Apoio à produção e comunicação: Jonathan da Costa.

Assessoria gestão/programação: Vânia Rodrigues.

Coprodução: Teatro Nacional D. Maria II.

Apoio: Apametal, Escola de Música do Conservatório Nacional, Sociedade Filarmónica Comércio e Indústria da Amadora, Teatro Nacional São João.

Agradecimentos: André Murraças, Jesús Manuel, Joaquina Campos, Kitty Furtado, Marina Almeida, Marta Félix, Tiago Pinhal Costa, Tiago Vieira.

A Companhia

A mala voadora é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal - Ministério da Cultura/Direção Geral das Artes e associada d'O Espaço do Tempo e da Associação Zé dos Bois.

4 | junho

Documentário e Conversa

Cidadãos de Corpo Inteiro (PORTUGAL)

PELE

Teatro Nacional São João - Salão Nobre

4 de junho

sábado

17h00

Com Cláudia Galhós (Jornalista e Escritora), Laborinho Lúcio (Juiz Conselheiro Jubilado do Supremo Tribunal de Justiça), Maria Gil (Participante MAPA e Ativista) e moderada por Gonçalo Amorim (Diretor Artístico do FITEI).

***Evento com tradução em Língua Gestual Portuguesa**

Cidadãos de Corpo Inteiro encerra e descodifica um processo de trabalho de cerca de dois anos que resultou em *MAPA – O Jogo da Cartografia*. O documentário revela diferentes fases da criação deste espetáculo, resultante do trabalho que nos últimos sete anos a PELE desenvolveu e consolidou no Porto e que se reflete na criação e continuidade de grupos de teatro comunitário (Grupo AGE, Grupo Auroras/Lagarteiro, Grupo de Teatro Comunitário EmComum/Lordelo do Ouro, Grupo de Teatro Comunitário da Vitória/Centro Histórico e Grupo de Teatro de Surdos do Porto). Durante esta labuta de cartografar, no seu caminho e na sua forma de fazer, houve ainda espaço para questionar o teatro e a cidadania como pilares da democracia. Porquê, como e com quem fazemos teatro comunitário?

Ficha técnica e artística

Realização, captação e edição: Patrícia Poção

Pós-produção áudio: João Correia

Coprodução: PELE, TNSJ

Duração: 1h33

4 e 5 | junho

Teatro

Sal (PORTUGAL)

Teatro do Frio

Mosteiro de São Bento da Vitória - Sala do Tribunal

4 e 5 de junho

sábado e domingo

21h00

Estreado em setembro de 2015 no Cena Contemporânea de Matosinhos, **SAL** é um solo de teatro-dança com dramaturgia original de **Catarina Lacerda**, a partir da obra de **Mário de Sá-Carneiro**. Nasceu do desejo de investigar performaticamente o lugar íntimo em que o poema atravessa o corpo do leitor, transformando-o. Sílabas primeiras de “Salomé”, poema de Mário de Sá-Carneiro publicado pela revista *Orpheu*, acendalha a esta criação, **SAL** é a emanção visível de uma metamorfose indizível, fluído vibrátil em que Mário e Catarina se encontram.

Ficha Técnica e Artística

A partir da obra de Mário de Sá-Carneiro

Dramaturgia, criação e interpretação: Catarina Lacerda

Produção: Teatro do Frio

Sonoplastia e composição em tempo real: Rodrigo Malvar

Apoio à corporalidade: Paula Macarajá

Figurinos e design de comunicação: Susana Guiomar

Vídeo e fotografia: Pedro Filipe Marques

Produção executiva: Inês Gregório - Pé de Cabra

Produção: Teatro do Frio

Teatro

Lost Dog... Perro Perdido (ESPANHA)

Cal y Canto

Serralves em Festa

4 e 5 de Junho

sábado e domingo

horário a confirmar com Serralves*

Lost Dog não tem dono.

É um cão que vagueia entre as ruínas de um mundo sedento.

Por um prato de comida, por um teto que o abrigue da chuva, por um lugar quente...

Era ainda um cãozinho quando chegou à metrópole vindo do subúrbio.

Desde que o abandonaram, não voltou a ladrar.

Da lixeira à relva, do asfalto quente ao pavimento molhado.

É uma sombra na noite que foge da luz dos automóveis.

Produzida com materiais reciclados, que se encontram em qualquer bairro degradado, a favela de Lost Dog permite ao público entrar num ambiente de rua.

Um espetáculo de marionetas e objetos, onde os pés e sapatos dos atores são os condutores de uma história emocionante.

Uma história sem texto, onde a cortina só se levanta o imprescindível. O resultado é uma obra com um ponto de vista surpreendente para o público. Um jogo carregado de imagens emotivas.

Dramaturgia

A dramaturgia do espetáculo é uma adaptação livre de “La verdad según Carlos Perro”, um texto de Sergio Gomez, publicada pela editora Anaya (Coleção Sopa de Libros, 2004). Textos de Jack London, especialmente “La llamada de la naturaleza” (Alianza Editorial, 1989), obra que em Portugal foi intitulada “O Apelo da Selva”.

Ficha Técnica e Artística

Criação: Cal y Canto Teatro

Intérpretes: Marcos Castro, Alberto González e Ana Ortega

Ideia original e espaço cénico: Marcos Castro

Cenografia: Néstor Alonso, Alberto González, Jairo Fuentes y José Ángel Gómez

Marionetas: Cal y Canto Teatro

Produção: Marcos Castro

Direção: Ana Ortega

A Companhia

A companhia celebra catorze anos de intenso trabalho artístico e creativo em Burgos, Espanha. Cal y Canto: o nome da companhia remete-nos para um confinamento artístico (encerrado a cal e música) que se resolve com a criação de cada nova montagem cénica.

Desde 2002 que os seus fundadores, Ana Ortega e Marcos Castro, apostam num especial tratamento dos objetos, mobilidade das cenas e corpo poético das suas personagens.

Atualmente, o grupo é constituído por sete pessoas, com uma equipa permanente de atores, técnicos, equipa artística e pessoal de distribuição.

5 | junho

Teatro

A Vertigem dos Nossos Corpos (PT)

Tiago Sarmiento

Armazém 22

5 junho

domingo

17h00

Partimos a alta velocidade de pulmões bem abertos num comboio tardio. Bernadette, uma rapariga de 16 anos que está grávida, viaja para Nova Iorque em busca do seu namorado. Somos levados para um precipício onde, voluntariamente, nos deixamos perder pelo incerto na ventura que algo alucinante nos abale e agite. Caímos com toda a força, brutalidade e leveza na extremidade dos nossos corpos. No limite daquilo que conhecemos em nós mesmos. Tudo agora flutua. Estamos preparados para o imperdoável silêncio do Inverno.

Texto original: “A VERTIGEM dos Nossos Corpos” (“The Edge of our bodies”), escrito por Adam Rapp, foi estreado nos EUA em 2011 no Actors Theatre of Louisville e em Londres no The Gate Theatre em 2014 com direção de Christopher Haydon.

Ficha Técnica e Artística

Texto: Adam Rapp

Tradução e encenação: Tiago Sarmiento

Interpretação: Maria Quintelas

Música original (baterista, ao vivo): Alex Rodriguez-Lazaro

Desenho de luz: João Abreu

Voz e vídeo: Tiago Sarmiento

Produção: Armazém 22 (residência artística) e Capacete de Vento

Patrocínio: Adapta Casa

Apoios: Radar 360°, TNSJ, Ginasiano

8 a 12 | Junho

Teatro

O Mundo Persistente (PORTUGAL/ESPANHA)

Projeto NÓS – território (es)cénico Portugal Galícia

Teatro Carlos Alberto

8 a 12 de junho

quarta a sábado 21h00

domingo 16h00

A Bilingue, espetáculo assinado por Pedro Zegre Penim e José Maria Vieira Mendes em 2015, segue-se Mundo Persistente, segundo andamento do NÓS – território (es)cénico Portugal Galícia, projeto que visa criar uma rede de circulação profissional de alunos de teatro, envolvendo os Teatros Nacionais D. Maria II e São João e escolas dos dois lados de uma fronteira que separa duas línguas (quase) comuns. Escrito por Fernando Epelde e encenado por Tito Asorey, dois criadores galegos, Mundo Persistente adota como título um conceito importado dos videojogos, o qual designa os universos virtuais que sobrevivem na ausência dos jogadores. Vinte minutos no “mundo persistente” equivalem a um dia no mundo real, e no intervalo destas duas medidas de tempo acontecem as vidas dos jovens protagonistas desta história, que comunicam entre si através de ecrãs, sem partilhar espaços físicos. Mas para estes jovens, aqui e agora, o “mundo persistente” tornou-se na única alternativa interessante a um mundo exterior obsoleto e ultrapassado...

Ficha Técnica e Artística

Texto: Fernando Epelde

Encenação: Tito Asorey

Coprodução: TNDM II, TNSJ, Axencia Galega das Industrias Culturais, Escola Superior de Arte Dramática de Galícia, Instituto Politécnico do Porto/Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo, Instituto Politécnico de Lisboa/Escola Superior de Teatro e Cinema

10 e 11 | junho

Teatro/Dança

Segunda-feira: Atenção à Direita (PORTUGAL)

Cláudia Dias

Palco do Grande Auditório MO – Teatro Rivoli

10 e 11 de junho

sexta e sábado

21h30 e 19h00, respetivamente

O primeiro espetáculo do ciclo de sete peças que Cláudia Dias criará ao longo dos próximos sete anos propõe-se reconstituir um combate de boxe. Punhos cerrados, *full contact*, uma coisa parece certa: Cláudia e Jaime vão dar e levar na boca, literal e metaforicamente. Pertencentes a uma comunidade que tem sido levada ao tapete vezes sem conta, quando se esmurrarem com argumentos, entre os prometidos sangue,

suor e lágrimas, far-se-á luz, como nas fábulas esclarecidas. Ao sentimento de opressão, de que se libertam combatendo, opor-se-á o sentimento de solidariedade, entre pares, que se reforça no combate, quando eles se reconhecerem como iguais. Punhos cerrados. Destas forças contrárias, sai atrito para passar das palavras aos atos.

Ficha Técnica e Artística

Conceito e direção artística: Cláudia Dias

Artista convidado: Pablo Fidalgo Lareo

Intérpretes: Cláudia Dias, Jaime Neves, Karas

Olhar Crítico: Sete Anos, Sete Peças: Jorge Louraço Figueira

Treinador de Boxe Tailandês: Jaime Neves

Direção técnica: Nuno Borda D'Água

Cenografia e desenho de luz: Thomas Walgrave

Produção: Alkantara

Residências artísticas: Espaço Alkantara, Göteborg Dance and Theatre Festival e Vitlycke Centre for Performing Arts, com o apoio de KID Gothemburg, Teatro Extremo /Teatro - Estúdio António Assunção; Companhia de Dança de Almada; O Espaço do Tempo; Teatro Municipal do Porto.

Coprodução: Teatro Municipal do Porto, Alkantara, Câmara Municipal de Almada, Goethe Institut, Maria Matos Teatro Municipal, Noorderzon Performing Arts Festival Groningen

Apoios: EUROPOLY é um projeto Europeu para teatro e cinema do Goethe Institut em cooperação com Munchner Kammerspiele, Onassis Cultural-Centre Athens, Sirenos – Vilnius International Theatre Festival, Maria Matos Teatro Municipal e Tiger Dublin Fringe. NXTSTP/Programa Cultura da União Europeia. O projeto Sete Anos Sete Peças é apoiado pela Câmara Municipal de Almada.

Notas Biográficas

Cláudia Dias nasceu em Lisboa, em 1972. É coreógrafa, performer e professora. Iniciou o seu trabalho como intérprete no Grupo de Dança de Almada. Integrou o coletivo Ninho de Víboras. Colaborou com a Re.Al tendo sido uma intérprete central na estratégia de criação de João Fiadeiro e no desenvolvimento, sistematização e transmissão da Técnica de Composição em Tempo Real. Criou as peças “One Woman Show”, “Visita Guiada”, “Das coisas nascem coisas”, “Vontade De Ter Vontade” e “Nem tudo o que dizemos tem de ser feito nem tudo o que fazemos tem de ser ditto”. Lecciona, desde 2007, de forma regular, oficinas nas áreas da Composição Coreográfica e da Técnica de Composição em Tempo Real. O seu trabalho como coreógrafa, performer e professora tem sido acolhido por várias estruturas, teatros e festivais nacionais e internacionais.

SEMINÁRIO

Lançar Diálogos: Crítica de Artes do Espetáculo e Esfera Pública

Colóquio Internacional de Crítica de Teatro (extensão FITEI)

10 e 11 de junho de 2016 | Porto

Organização: Associação Portuguesa de Críticos de Teatro (APCT) e FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica

Coordenação da Extensão FITEI: Rui Pina Coelho

O FITEI acolhe a organização do Colóquio Internacional de Crítica Teatro que tem uma primeira parte em

Lisboa, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nos dias 8 e 9 de junho, e que prolonga os seus trabalhos no Porto, no âmbito da sua programação.

SITE: <https://criticaeartesperformativas.wordpress.com/>

Programa

Sexta-feira | 10 de junho

10h00 | TMP - Rivoli

Training Theatre Critics | Formar críticos de teatro: Ivan Medenica (Faculty of Dramatic Arts – Belgrado / AICT) conversa com Andrea Porcheddu (U. Roma / Crítico de Teatro). Moderação: Rui Pina Coelho.

15h00 | TMP - Rivoli

Performing Arts Criticism and its role in the City | Crítica de teatro e o seu papel na Cidade | Mesa-Redonda com Ana Bigotte Vieira, Ana Pais, Andrea Porcheddu, Diana Damian-Martin, Ivan Medenica e Jorge Loureiro Figueira. Moderação: Rui Pina Coelho.

Seguido de Lançamento de 'Tomar Posição' | O Político e o Lugar - Curso Experimental em Estudos de Performance | baldio - Estudos de Performance.

Sábado | 11 de junho

10h00 | TMP - Rivoli

Decline, Demise, Deliberation: the question of criticism in the public sphere | Declínio, demissão, deliberação: a questão da crítica na esfera pública | Aula magistral com Diana Damian-Martin (Royal Central School of Speech and Drama / *Exeunt Magazine*) | [Inscrições em: comunicacao@fitei.com](mailto:inscricoes@fitei.com)

15h00 | Teatro Nacional São João

Conferência Plenária com Luiz Fernando Ramos (ECA-USP)

18h00 | Teatro Nacional São João

Lançamento do n. 1, série II, da revista *Sinais de cena* | Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa / APCT | Orfeu Negro.

Teatro

A Noite Canta (PORTUGAL)

Tiago Correia

Palco do Auditório – Teatro Campo Alegre

11 junho

sábado

21h30

Em "A Noite Canta" vive-se o dia de um jovem casal com um filho recém-nascido. Num último esforço para a realização individual, os desejos de ambos colidem de forma assoladora. Na sala-de-estar da sua casa - apresentada ora como prisão, ora como refúgio do mundo - assistimos, muito próximos, a uma tragédia contemporânea íntima e delicada, que explora as fraquezas de um casal a adiar o fim da relação. Numa linguagem escassa, de palavras aparentemente banais, com uma música própria, feita de repetições e silêncios, a morte surge inesperadamente.

Jon Fosse abre janelas para a nossa vida, para questões existenciais. Escreve com amor e empatia sobre os que são deixados para trás. As suas personagens surgem frequentemente em estado de sonolência ou de fadiga, porque não podem deixar de pensar n' *o que pode acontecer*. A possibilidade é sempre mais real do que o atual. É por isso que ele escreve sobre mudanças. Como se cada lugar novo pudesse oferecer o que o passado não conseguiu. A vida não é senão esperar, estar suspenso entre o passado e o futuro, num presente que não pode ser capturado.

Todos têm o mesmo medo de serem abandonados.

Ficha Técnica e Artística

Encenação e Dramaturgia: Tiago Correia

Texto a partir de: “A Noite Canta os Seus Cantos” de Jon Fosse

Tradução: Pedro Porto Fernandes

Interpretação: Ana Moreira, António Parra, Pedro Almendra, António Durães (voz) e Cristina Carvalhal (voz)

Cenografia: Ana Gormicho

Desenho de Luz: Rui Monteiro

Figurinos: Patrícia Shim

Sonoplastia: Nélon Silva

Imagem: Francisco Lobo

Design Gráfico: Inês Gomes Ferreira

Produção: Tiago Correia

Coordenação de Produção: Pedro Barbosa

Coprodução: CÃO DANADO, A TURMA, TEATRO MUNICIPAL DO PORTO e FITEI

Apoios: Panmixia, Pedras e Pêssegos, Dente de Leite

Agradecimentos: Centro de Documentação TNSJ, António Morais, José Caldeira, Nuno M Cardoso, Paula Braga, Pedro Correia, Renato Marinho, Rui Pinheiro e Vera Sousa

Notas Biográficas

Jon Fosse (Haugesund, Noruega, 1959). Fixou-se em Bergen nos anos 80. Escreve em novo Norueguês. Estreou-se na literatura em 1983, tendo publicado romances, poesia, ensaios, novelas e livros para crianças, antes de escrever teatro. Escreveu a sua primeira peça em 1994 e desde aí escreveu cerca de 30 textos para teatro, traduzidos e editados em mais de 40 línguas e representadas por todo o mundo. Foi considerado como a voz literária mais significativa saída da Noruega depois de Ibsen e é atualmente um dos dramaturgos contemporâneos mais representados na Noruega e no estrangeiro. Pertence à geração de escritores que nos anos 80 introduziu o pós-modernismo na Noruega, em oposição ao realismo social que dominou a cena dos anos 70. Foi vencedor dos mais prestigiados prémios: Nynorsk (1988 e de novo em 2003); Aschehoug (1997); Dobloug (1999); Norsk Kulturads (2003); Nynorsk Litearture Prize (2003); Breage (2005); Academia Sueca (2007); Prémio Ibsen (2010); Prémio Europeu da Literatura (2014); e o Prémio Literário do Conselho Nórdico (2015). Em 2015, foi um dos nomes apontados como favorito ao Prémio Nobel da Literatura.

Tiago Correia (Tomar, 1987). Licenciou-se em Teatro-Interpretação, na ESMAE. Fundou a companhia A Turma, em 2008. Foi dirigido por André Guedes, António Durães, Cristina Carvalhal, José Carretas, Luís Mestre, Manuel Tur, Marcos Barbosa, Nuno M Cardoso, Oskar Gomez Mata, Pascal Luneau, Paul Clarke e Sara Barbosa. Em cinema, por Edgar Pêra, Francisco Lobo e Gonçalo Ribeiro. Prémio de melhor actor de curta-metragem no festival “Ver e Fazer Filmes 2012”. Em televisão, fez a série “Mulheres de Abril”, para a

RTP. Estreou-se na encenação com “História de Amor (Últimos Capítulos)” de Jean-Luc Lagarce (FITEI/2011); encenou dois fragmentos “Do Discurso Amoroso”, a partir de Roland Barthes (2012); “Gaspar” de Peter Handke (Capital Europeia da Cultura - Guimarães 2012); “Não Era Uma Vez” (Cão Danado/2015); desenvolveu uma bolsa de criação do T.M.P. para a encenação de “A Noite Canta” de Jon Fosse (2015); e protagonizou, escreveu e produziu o filme “Ela” (2016). Professor de interpretação na A.C.E. Famalicão. Autor do projeto musical Les Saint Armand.

10 a 12 | junho

Residência de criação + Mostra de processo

RAIO X (PORTUGAL)

Circolando

Sala Estúdio – Teatro Campo Alegre

10 e 12 de junho

sexta e domingo

18h30

“Os Raios X (descobertos a 8 de novembro de 1895 por Wilhelm Röntgen) trazem a inquietação metafísica de ver o interior dos corpos materiais, poder observar o interior das coisas vivas, penetrar a matéria e perceber as coisas a partir do seu centro mais íntimo e vital”.

No princípio, uma coleção de radiografias e suas impressões fotográficas, depois, este repto filosófico e metafísico.

Corpo, texto, matéria, luz. Um pouco em contraciclo ao das nossas últimas criações, queremos indagar sobre os territórios do etéreo e da leveza. O espaço “dos ecos da luz”, “dos brancos intersticiais”, “do Grande Vazio”. Interessa-nos aventurar-nos num diálogo a cru com a filosofia. José Gil e Lucrecio, os autores que à partida visitaremos.

O risco, a disponibilidade para perder o pé são elementos essenciais à criação que os prazos apertados continuamente aconselham a evitar. O contexto do laboratório e da residência convidam ao contrário.

O processo terá momentos de partilha informal e mostra aberta ao público no final.

Ficha Técnica e Artística

Criação: André Braga, Cláudia Figueiredo e Paulo Mota

Com o apoio de: Nuno Brandão (construção plástica) e João Abreu (luz)

Produção: Ana Carvalhosa (direção) e Cláudia Santos

Teatro

Nunca Mates o Mandarim (PORTUGAL)

Teatro Experimental do Porto

Teatro Nacional de São João

15 a 17 de junho

quarta-feira

19h00

quinta e sexta-feira

21h00

*Espetáculo em língua portuguesa, legendado em inglês.

Dois anos depois da publicação de *O Primo Basílio*, **Eça de Queirós** publicava o longo conto (ou a curta novela) **O Mandarim**, um texto de colorido imaginário fantástico. Dentro do *corpus* da obra queirosiana, *O Mandarim* tem um lugar singular, garantido pelo seu tom cómico, pela tessitura de farsa moralizante, pela sátira filosófica. O texto de Eça de Queirós elabora sobre uma conhecida expressão de origem francesa: “O paradoxo de Rousseau”, que consiste na seguinte ideia: existe na longínqua China um riquíssimo mandarim, que deixou testamento a favor de quem o matasse, e que pode ser morto de uma maneira muito fácil: premindo um pequeno botão de uma campainha em Paris. Como nunca o veremos, ele não nos pode afetar emocionalmente. Será que carregaremos no botão? Com a finalidade de enriquecermos sem o mínimo esforço, seremos nós capazes de matar o mandarim? Tendo em Queirós um dos seus principais formuladores na literatura, este “paradoxo” encontrou também expressão em Diderot, Rousseau, Chateaubriand ou Balzac. Este paradoxo, de uma forma parabólica, é perfeitamente capaz de descrever o que aconteceu à Europa durante todo o século XX e, em particular, para explicar como se formaram coisas tão díspares como a sociedade de consumo ou a Alemanha nazi. E, pensando nas múltiplas explorações que o capitalismo e a sociedade de consumo fazem para que possamos ter *t-shirts* e calças de ganga a preços extremamente baixos, é impossível não ver como o “Paradoxo do Mandarim” serve para endereçar à sociedade contemporânea um direto comentário. Assim, o texto de Queirós serve-nos para compor uma espécie de mito de Fausto disfórico, uma moralidade profana – que serve que nem uma luva aos séculos XX e XXI.

Ficha Técnica e Artística

a partir da novela de Eça de Queirós

Adaptação: Rui Pina Coelho

Encenação: Gonçalo Amorim

Coprodução: Teatro Experimental do Porto, TNSJ

Cenografia e figurinos: Catarina Barros

Desenho de luz: Francisco Tavares Teles

Música original e participação: FERE

Interpretação: Catarina Gomes, Ivo Alexandre, João Miguel Mata, Paulo Calatré, Tanya Ruivo

A companhia

É a decana das companhias profissionais do Teatro Português e a que maior longevidade atingiu em Portugal. Estrearam o primeiro espetáculo em 1953 e prosseguiram o historial, com altos e baixos, mas, com segurança. Estiveram no Porto até março de 1999 e depois mudaram para Vila Nova de Gaia, desde 2015 são umas das companhias residente do Teatro Municipal Campo Alegre ao abrigo do programa de residências teatro em campo aberto. Com António Pedro, o primeiro diretor artístico, mudou o modo de fazer o teatro em Portugal, operando uma revolução estética, com a introdução da encenação moderna. A António Pedro seguiram-se figuras marcantes do teatro, das artes plásticas, da música, da literatura, do cinema, do pensamento, que moldaram o Teatro Experimental do Porto e a associação que o dirige, o Círculo de Cultura Teatral.

Teatro

El Señor Galindez (CHILE)

Teatro Amplio

Teatro Carlos Alberto

15 e 16 de junho

quarta e quinta-feira

21h00

Os grandes torturadores não foram homens selvagens, apenas homens medíocres, burocratas de escritório. Os organismos fascistas necessitam de homens burocratas de escritório para esta organização.

Facing the extreme, Tzvetan Todorov

No seguimento das recentes comemorações e atos públicos para enaltecer e reconhecer o trabalho de membros e partidários da ditadura chilena – por exemplo, as homenagens a Augusto Pinochet e Miguel Krassnof -, e num contexto histórico em que se cumprem 40 anos do Golpe de Estado no Chile, torna-se necessário refrescar a nossa memória.

O apoio à investigação do jornalista Javier Rebolledo e o seu livro “La Danza de los Cuervos” marcam o ponto de partida de um estudo que permite analisar e aprofundar a complexa conduta do “agente torturador”, presente na obra do argentino Eduardo Pavlovsky, “El Señor Galíndez”.

Neste espetáculo não vamos ver homens a desfigurar rostos de outros homens com fogo, a queimar impressões digitais ou a extrair violentamente, com alicates e canivetes, o ouro das dentaduras dos presos políticos. Vamos ver, isso sim, como se comporta o “agente torturador” antes de dar início ao seu “trabalho”. Como é o torturador na vida quotidiana? O que é que ele faz durante o dia?

Não é preciso especificar que estamos perante um centro de tortura porque isso irá ser desvelado à medida que o espetáculo se desenrola.

Em “O Senhor Galíndez” queremos analisar a estrutura institucional da ditadura. A existência do “trabalhador-agente”, descartável e facilmente substituível pelo novo tipo de “trabalhador-agente”, muito mais “ideologizado” e “intelectual”.

Aí nasce a “mudança institucional da ditadura no Chile”.

Estabelece-se uma procura que permita reconhecer a naturalização institucional da violência como óbvia e inquestionável, desde a subjetividade promovida pelas estruturas policiais, militares, carcerárias e paramilitares chilenas.

A companhia

O grupo Teatro Amplo nasce de uma necessidade suscitada por Antonio Altamirano, Nicolás Zárate e Juan Pablo Corvalán, de gerar um espaço para a criação, reflexão e memória da nossa história latino-americana. O Teatro Amplo tem como objetivo por em cena autores latino-americanos cujas obras dão conta de uma similitude de contextos históricos em constante construção.

Tendo o texto como suporte essencial, a construção dramática assume a atuação como eixo central, gerando e desenvolvendo uma linguagem própria e particular.

Amplo é o convite aos atores, dramaturgos, desenhadores, jornalistas, investigadores, historiadores, sociólogos, músicos e teóricos da arte e todos/as os que estão dispostos a discutir, refletir e colocar as suas ideias ao serviço da construção de um Teatro Amplo.

O Teatro Amplo estreia o seu primeiro trabalho “El Señor Galíndez”, do autor argentino Eduardo Pavlovsky, em outubro de 2013 no Teatro Nacional Chileno. Uma temporada de grande êxito graças à qual participa na programação artística internacional de IFFACA em janeiro de 2014 em Santiago do Chile.

Em setembro de 2014, o espetáculo viaja até à Argentina para o Festival Latinoamericano de Teatro organizado pelo Teatro Cervantes de Buenos Aires e segue dentro do circuito do Instituto Nacional de Teatro.

Em janeiro de 2015 a obra tem uma breve temporada na Sala de Teatro da Universidad Mayor e no Museu da Memória de Santiago de Chile.

Ficha Técnica e Artística

Elenco: Carmen Disa, Alejandra Jara, Francisca Gavilán, Luis Dubó, Daniel Antivilo, Nicolás Zárate

Direção: Antonio Altamirano

Assistência de Direção: Juan Pablo Corvalán

Espaço Cénico: Rocío Hernández

Produção: Francesca Ceccotti

Imprensa: Lorena Álvarez

Desenho Gráfico: Alejandro Délano

Investigação: Javier Rebolledo

Diretor técnico: Rodrigo Leal

Maquinista: Eduardo Gallagher

Teatro

O Coro dos Maus Alunos (PORTUGAL)

Balleteatro

Sala Estúdio – Teatro Campo Alegre

16 e 17 de junho

quinta e sexta-feira

16h00 para público escolar e 21h30 para público em geral

Na escola, um professor de Filosofia desafia os seus alunos a questionarem a sua relação com a instituição e com a sua própria existência. Durante as aulas, este professor pouco convencional tenta despertar o espírito crítico dos adolescentes, levando a que estes se confrontem com a “ordem estabelecida”. O professor é julgado, tal como Sócrates em Atenas, e toda a história é testemunhada pelos seus alunos, na forma como a entendem e a tentam, eles próprios, resolver. A tragédia está, desde o início eminente, e nas primeiras vozes se pressente uma desgraça.

Ficha Técnica e Artística

Direção: Marta Freitas

Interpretação: Ana Carolina Terra, Ana Raquel Lages, Bárbara Costa, Bárbara Marques, Bruna Rocha, Cláudia Alves, Daniela Cerqueira, Diana Rodrigues, Eduardo Gomes, Filipa Domingues, Filipa Lima, Filipa Monteiro, Filipe Correia, Hugo Gomes, Inês Pereira, Inês Pinho, Isabel Santos, Joana Cruz, José Pedro Oliveira, Leonor Lopes, Maria Francisca Loures, Maria da Fonte, Matilde Rodrigues, Miguel Silva, Nuno Lacerda, Tomás Eira. (**Alunos do 1º ano de Teatro do Balletatro Escola Profissional**).

A Companhia

O balletatro escola profissional, constituído em 1989, nasceu e está inserido num projecto de desenvolvimento para a dança contemporânea, teatro e performance: o balletatro, estrutura Residente do Coliseu Porto.

Ao longo dos três anos de formação intensiva, os alunos de teatro desenvolvem e são estimulados para a criação de projectos de experimentação e trabalham com encenadores convidados, experimentando dessa forma diferentes universos de autor. A forte ligação do balletatro com a cidade, tem também reflexo nas relações que estabelece através de participações como esta, em momentos de importante celebração do Teatro, como é o FITEI.

Notas Biográficas

Marta Freitas licenciou-se em Interpretação (ESMAE), e em Psicologia (UM). Fez o Mestrado e Doutoramento em Ciências Cognitivas (UM). Como dramaturga conta já com 18 peças suas levadas a cena. Coordena oficinas de escrita criativa e de escrita para teatro. Paralelamente, tem vindo a desenvolver uma sólida carreira de atriz. É directora do Teatro do Departamento de Teatro e Cinema da ESAP, onde também leciona, e docente em cursos profissionais artísticos. É directora da companhia Mundo Razoável, onde escreve e encena todas as peças levadas a cena. Foi programadora e directora artística do Programa Cultural da Rota do Românico, “Palcos do Românico”.

Teatro

O nosso desporto preferido – Presente (PORTUGAL)

Gonçalo Waddington

Grande Auditório MO - Teatro Rivoli

17 de junho

sexta-feira

21h30

Seguindo a tendência para dissertar sobre o futuro – leia-se a peça *Albertine, O Continente Celeste* –, eis que Gonçalo Waddington se atira, uma vez mais, ao filão do porvir. Tentando, desta vez, sobre a nossa evolução como espécie universal. Composta por um elenco de cinco atores, a primeira parte, denominada *O nosso desporto preferido – Presente*. Agora, será encabeçado por um cientista misantropo, líder de uma equipa de investigação na área da biologia molecular, que sonha com a criação de uma espécie humana livre das

necessidades básicas como a alimentação, digestão e, talvez a característica mais importante para a peça, a reprodução – tornando-se assim uma espécie exclusivamente dedicada ao hedonismo e à abstração, seguindo o caminho da evolução natural da nossa civilização tipo 0 para tipo 1, em que seremos finalmente uma sociedade global, multicultural, multiétnica e científica.

Fica Técnica e Artística

Texto original, encenação, interpretação e espaço sonoro: Gonçalo Waddington

Interpretação: Carla Maciel, Crista Alfaiate, Pedro Gil, Romeu Runa, Tonan Quito

Cenografia e figurinos: Ângela Rocha

Desenho de luz: Nuno Meira

Fotografia e vídeo: Mário Melo Costa

Coordenação de produção: Manuel Poças

Ilustração/Cartaz: Alex Gozblau

Coprodução: Teatro Municipal do Porto, Alkantara, TNDMII

Residência artística: O Espaço do Tempo

Apoio: Governo de Portugal, Secretário de Estado da Cultura, DGArtes

Notas Biográficas

Gonçalo Waddington é ator, encenador, realizador, dramaturgo, argumentista e produtor. Recentemente, escreveu e encenou a peça “Albertine, O Continente Celeste”, protagonizada por Carla Maciel e Tiago Rodrigues, numa coprodução do São Luiz Teatro Municipal e TNSJ/TeCA. Ator no filme “As Mil e Uma Noites”, de Miguel Gomes. Cocriador, com Carla Maciel, da peça MACBAIN, um texto original, escrito para os dois atores, pelo dramaturgo holandês Gerardjan Rijnders, estreada em outubro de 2013 no Teatro Maria Matos e ainda em digressão. Cocriador e coargumentista da série ODISSEIA, na RTP. É, atualmente, um dos atores mais requisitados da sua geração, participando em projetos de teatro, cinema e televisão.

18 | junho

FESTA FITEI

CCOP - Círculo Católico dos Operários do Porto

18 de junho

sábado

22h00

O FITEI encerra com uma festa que é também um arraial sanjoanino. Artistas ainda sujeitos a confirmação.

Com a colaboração da Confederação e jovens dos Catapulta.

Teatro

Espetáculo de encerramento

Los Millonarios (CHILE)

Teatro La Maria

Cine-Teatro Constantino Nery

19 de junho

domingo

21h30

Um escritório de advogados - corruptos, desrespeitosos e milionários - decide representar a causa mapuche [o povo indígena mais numeroso daquele país e que luta pela recuperação do seu território ancestral] ao defender um homem acusado de matar um casal de agricultores em Araucana. O objetivo é libertá-lo. Não porque estejam convencidos da sua inocência, mas pelo que podem ganhar com isso.

Os advogados apresentaram uma defesa impecável entre quatro paredes. E os protagonistas do processo judicial? Não estiveram nem iriam estar entre os convocados. Uma comédia negra que convida à reflexão sobre as nossas idiossincrasias e relações de poder num país classista e racista como o Chile.

O grupo artístico Teatro La María nasce em 1999 e até agora já levou à cena 18 montagens:

El Apocalipsis De Mi Vida, Trauma, Lastíma, Sin Corazón, Pelicano, Hamlet, El Rufián en la Escalera, La Gaviota, Superhéroes, Numancia, La Tercera Obra, Abel, Las Huachas, Caín, Topografía de un Desnudo, Padre, Persiguiendo a Nora Helmer y Los Millonarios, convocando para cada trabalho diferentes artistas com quem estabelecemos uma fértil colaboração.

A companhia foi convidada a participar em diversos festivais no país de origem. Trabalhou na Mostra de Dramaturgia Nacional, encenando as obras Diarrea e Amor en Lota, na Mostra de Dramaturgia Europeia, levando à cena obras como Las Neurosis Sexuales de Nuestros Padres, Historia de Amor, El Feo e Por el bien de todos. Ao Festival Norte-americano de Dramaturgia apresentou La Casa del Sí, com o qual ganhou os prémios de Melhor Montagem e Melhor Direção de Arte. Também participou em festivais internacionais com La Tercera Obra (apresentado em França e Itália) e Persiguiendo a Nora Helmer (Tóquio).

Ficha Técnica e Artística

Escrita e encenada por: Alexis Moreno

Elenco: Alexandra von Hummel, Manuel Peña, Elvis Fuentes, Rodrigo Soto, Daniela Fernandez, María Elena Valenzuela

Iluminação: Ricardo Romero

Cenografia: Rodrigo Ruiz

Produção: Teatro La María

Residência

Audio Walk – Entre a contração e a expansão (PORTUGAL)

FITEI, Teatro do Frio, Teatro Experimental do Porto

28 a 19 de junho

Em 1997, Paulo Eduardo Carvalho assinava para a ADE Teatro, Revista de la Asociación de Directores de Escena de España (nº 62-63, outubro/dezembro 1997), o artigo “Entre a contração e a expansão: Esboço Crítico de Algumas Convulsões do Teatro no Porto e no Norte de Portugal”, que fazia a história do teatro no Porto de 1974 até então, identificando e comentando os principais criadores, companhias e espetáculos que foram marcando a vida teatral da cidade.

O texto de Paulo Eduardo Carvalho será a base de um roteiro áudio de visita à cidade do Porto onde o espectador/ouvinte deambulará pelos espaços onde se fez teatro no Porto e, hoje, já não se faz. Assim, parando defronte de ruínas, prédios devolutos, hamburguerias ou bancos, o espectador/ouvinte poderá ouvir os relatos/entrevistas daqueles que outrora habitaram aqueles espaços como criadores de teatro. Será, portanto, uma peregrinação perseguindo uma cidade que vai desaparecendo, e outra que vai surgindo, atentando nos espaços que vão surgindo e nas constantes metamorfoses urbanas.

Partindo de uma ideia original de Rui Pina Coelho, o FITEI convida o Teatro do Frio e o TEP a coproduzirem um mapa de afetos e evidências da cidade do Porto, registando e construindo as suas metamorfoses culturais.

Cada edição FITEI proporcionará, em formato Audiowalk, uma visita a esses registos.

Na edição de 2016, convidamos um conjunto de cúmplices a conosco refletir e expandir as possibilidades que ele apresenta, num conjunto de 6 encontros, sob o formato de mesa redonda. Deste movimento conjunto, a 15 de junho, haverá a apresentação pública, do projeto que terá estreia na edição 2017 do FITEI.

Exposição

Noites Brancas (PORTUGAL)

Exposição de cenografias e outras matérias

Mosteiro de São Bento da Vitória

Exposição permanente – só é visitável no âmbito da Visita Guiada ao Mosteiro de São Bento da Vitória (segunda a sexta às 12h00).

Cenografias de **João Mendes Ribeiro** (*D. João*, 2006), **Nuno Carinhas** (*Tambores na Noite*, 2009) e **Pedro Tudela** (*UBUs*, 2005; *O Saque*, 2006; *O Mercador de Veneza*, 2008; *Alma*, 2012; *Casas Pardas*, 2012) produção **TNSJ**

Estes lugares não existem, fomos nós que os inventámos. **Noites Brancas** propõe uma travessia por territórios cénicos que foram deste teatro, dos seus artistas e fazedores, mas também dos seus espetadores – da “pousada verdadeira e mui segura” de uma *Alma* vicentina às *Casas Pardas* em risco de derrocada, passando por imaginosas paragens, como a Veneza de aquosos espelhos negros de Shylock e António, a praça da batalha de *Tambores na Noite* ou o terreiro falocêntrico e escatológico de *UBUs*. Fruto de uma iniciativa das próprias equipas técnicas do TNSJ, a exposição inventa, a toda a volta do corredor que dá sobre o claustro do Mosteiro de São Bento da Vitória, a impossível vizinhança de fragmentos cenográficos de espetáculos encenados por dois diretores artísticos da casa – Ricardo Pais e Nuno Carinhas –, integrando também figurinos, adereços, projeções vídeo, fotografias de cena e cartazes.

Exposição

Maquetes da Cenografia de José Rodrigues (PORTUGAL)

Galeria da ESAP

Inauguração com a presença do autor 27 de maio às 11h30. Patente até 19 de junho.

ESPAÇOS CÉNICOS

MARIA LEONOR BARBOSA SOARES

[...] para mim a cenografia é a continuação do “atelier”. O trabalho de fazedor de coisas.

Havia em Portugal, quando comecei a trabalhar com o teatro, uma concepção de cenário pintado.

“Para mim é uma coisa diferente: um cenário é uma escultura habitada.”

(José Rodrigues)

Foi para o TEP que José Rodrigues realizou o primeiro trabalho como cenógrafo, concretamente para a peça *Desperta e Canta de Clifford Odets*, que estreou em 26 de dezembro de 1965. Com esta companhia viria a manter uma estreita e profícua colaboração com consequências notáveis. A sensibilidade de escultor tem orientado e determinado o trabalho de José Rodrigues no âmbito da cenografia. Recusou o trabalho de cenógrafo tradicional, o desenho ilusionista de paisagens ou interiores e exteriores de arquiteturas, a pintura de telões, a decoração da cena e conseqüente estatismo. Anunciou, desde início da atividade, o entendimento do espaço cénico como uma estrutura não ilustrativa do texto mas complementar e reveladora de leituras possíveis. A forma e colocação relativa dos objetos, a relação que pressupõem ao nível da sua materialidade, configuração, cor, textura, entre si e com o corpo do ator, são fatores que se tornam comunicativos e criadores de diferentes registos de significados.

Por vezes, é possível referir as organizações cénicas de José Rodrigues como instalações. A intervenção no espaço pressupõe a comunicação com o público através da ampliação da experiência sensorial e da sua disponibilidade para estabelecer relações com experiências prévias. São composições exigentes para o público, induzem uma atitude interrogativa, proporcionando a consciência dos fatores modeladores da transmissão da mensagem e das contingências da receção.

José Rodrigues trabalhou, até ao momento presente, com 21 encenadores: Ernesto de Sousa, Fernanda Alves, Correia Alves, Manuel Passos, Carlos Avilez, Carlos Augusto Fernandes, José Cayolla, Angel Facio, Roberto Merino, Gastão Cruz, João Guedes, João Lourenço, Jorge Pinto, Jorge Listopad, Júlio Cardoso, Carlos Fernando, Xosé Blanco Gil, Júlia Correia, Carlos Carvalheiro, José Martins, Celso Cleto. Nestas experiências valorizou intensamente o trabalho de equipa e a colaboração estreita entre encenador, cenário cenógrafo e atores, na construção conjunta do espaço e situação teatral, compreendendo a cenografia como um elemento da própria ação. Com o texto e para além dele, com o corpo do ator e ao lado dele, criou lugares de vivências ao nível sensível e intelectual, que o espetador pode aceitar ou não, porque são sugeridas e não impositivas.

Até ao momento presente, conhecemos 50 espaços cénicos criados por José Rodrigues. Do reportório de colaborações com o TEP fazem parte *O Gebo e a Sombra* (1966), *A Casa de Bernarda Alba* (1972), *O Soldado e o General* (1975), *O Farruncha* (1975), *As Artimanhas de Scapino* (1976), *Os Preços* (1977), *Schmurz ou os Construtores de Império* (1977), *Os Emigrantes* (1977), *As Histórias de Hakim* (1978), *A Agonia do Defunto* (1979), *Yerma* (1979) e *Henriqueta Emília da Conceição* (1997).

Alguns destes trabalhos têm lugares singulares na história da cenografia portuguesa como, *A Casa de Bernarda Alba* e *Yerma*.

Para o Teatro Universitário do Porto, fez cenografias para *Fuenteovejuna*, em 1969; *D. Caio*, *A Galinha dos Ovos de Ouro* e *Azul Negro*, em 1970; *O Casaco Encantado*, em 1979. Com o Círculo Portuense de Ópera,

realizou Rita, em 1968; La Serva Padrona, em 1970; O Cábula e o O Ratinho Ra-tu-di, em 1970. Com a Associação Recreativa os Plebeus Avintenses, Antígona, em 1971.

Em 11 de Setembro de 1973 seria fundada a Seiva Trupe. Com esta companhia José Rodrigues trabalharia, em 1978, na peça Perdidos numa noite suja; em 1979, em Restos e em Confissão; em 1984, em Amor de Uma Mulher; em 1986, em Toda a nudez será castigada e em Eróstrato; em 1988 em Antígona; em 1998 em O estranho caso do Trapezista Azul e, em 2001, em Amadeus.

Com o Teatro Experimental de Cascais, fez Breve Sumário da História de Deus, em 1970 e, numa outra versão, em 1994; Portugal, Anos 40, em 1982; Medeia, em 2007.

Em 1970, com encenação de Carlos Avilez, participou na cenografia do espetáculo de Namban Matsuri, na Expo-70, em Osaka. De novo com Carlos Avilez, criou o espaço cénico de Hamlet, em 1987, na Fundação Calouste Gulbenkian, CAM/ACARTE; e no mesmo ano, com a companhia Fatias de Cá, um outro espaço para Hamlet na recriação Máquina Hamlet de Heiner Muller.

Com o Teatro D. Maria II, Pedro, o Cru, em 1982; O Crime de Aldeia Velha, em 1996; Frei Luís de Sousa, em 1999. Com o Grupo de Teatro Hoje, Os Amantes Pueris, em 1976; o Equívoco, em 1977; Porta Fechada, em 1978; Feliz Natal Avozinha, em 1979.

A História do Jardim Zoológico é um caso de colaboração única com a Cena-Companhia de Teatro de Braga, em 1982 e, do mesmo modo, Terra de Lobos, com o Teatro do Noroeste-Centro Dramático de Viana, em 1996.

A conceção destes espaços cénicos resulta da existência de um registo de autonomia, na interpretação do texto, do cenógrafo relativamente ao encenador. Essa apreensão subjetiva orienta a seleção de objetos-referências, a sua composição no espaço, a escala, os ritmos das formas e ênfase relativa, enfim, a materialidade no espaço de um modo geral, concretizando imagens como propostas multissensoriais.

Entre os aspetos que documentam a contribuição singular de José Rodrigues, apontamos a justaposição de diferentes zonas cénicas num espaço único e sua articulação (Desperta e Canta); o protagonismo da plástica na limitação do espaço a um registo configurador do fechamento e a angústia das personagens.

(O Gebo e a Sombra, Os Emigrantes); a criação de uma estrutura minimalista metálica definindo um espaço de prisão (Breve Sumário da História de Deus); a organização dos materiais possibilitando a sua eloquência e com eles materializando o abafamento e enterro dos projetos individuais (A Casa de Bernarda Alba); a seleção e pontuação de objetos cénicos em íntima ligação com a marcação dos acores e a complexidade das personagens e a interação entre a expressividade narrativa dos materiais e o seu potencial simbólico em contexto, relacional (Os Amantes Pueris, O Equívoco); a dinamização de geometrias, infletindo, subvertendo ou sublinhando os indicadores do texto (Schmurz ou os construtores de Impérios); a exploração das coordenadas espaciais, enquanto eixos visuais (em acordo com a iluminação); a sua ampliação semântica como dispositivos temporais, relacionando momentos (O Estranho Caso do Trapezista Azul); a exploração da dimensão e da escala e das suas potencialidades de recriação simbólica e promovendo a análise do momento percetivo (A Confissão, Frei Luís de Sousa); a criação de estruturas que integram o público numa dinâmica de aproximação e distanciamento, exigindo um permanente reajustamento do seu lugar psicológico (Perdidos numa noite suja, Feliz Natal Avozinha, Restos); a valorização e acentuação dos gestos do ator no enquadramento da imagem total - distribuição de vazios e volumes, texturas e formas em coordenação com a ocupação do espaço pelo corpo do ator (Yerma); a opção minimalista (organização geométrica e afirmação matéria) como síntese de tempos - o da figura histórica e o da personagem /atriz-mulher - e como mediador e condensador de vivências, personagem-atriz-público (Medeia).

in Livro //Prémio de Artes Casino da Póvoa 2011

Organização: Árvore-Cooperativa de Atividades Artísticas CRL - 2011

Biografia

José Rodrigues

Nasceu em Luanda em 1936.

Formado em Escultura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

Fundador e Presidente da Assembleia Geral da Cooperativa Árvore.

Em 1994, foi condecorado com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

Colabora com poetas e escritores na ilustração de livros.

Na área da Escultura, efetuou cerca de duas dezenas de trabalhos, espalhados por todo o País.

A primeira exposição individual acontece em 1984, na Cooperativa Árvore, seguindo-se uma infindável lista dentro e fora de Portugal. O mesmo no que toca às exposições coletivas. Em 1973 expôs na Bienal de S. Paulo, no Brasil, e desde então o seu trabalho já viajou de Norte a Sul de Portugal e para inúmeros certames internacionais, num total de mais de 40 exposições.

Também na medalhística José Rodrigues imprimiu o seu cunho, executando mais de cem medalhas para várias entidades.

Como cenógrafo, tem colaborado com:

A Câmara Municipal do Porto (cenário para a cerimónia de classificação da cidade do Porto como Património da Humanidade - 1996)

Grupo de Teatro Hoje

Programas na RTP - Porto

Seiva Trupe

Teatro D. Maria II

Teatro Universitário do Porto

TEC - Teatro Experimental de Cascais

TEP - Teatro Experimental do Porto

Companhia Nacional de Teatro da Galiza, Yerma de Garcia Lorca

Companhia de Teatro em Madrid, encenando a peça A Casa de Bernarda Alba.

Ao longo da sua carreira, José Rodrigues já foi agraciado com vários prémios. Está representado em várias coleções particulares e privadas, no país e no estrangeiro.

Exposição

A Mesa do Pantagruel (PORTUGAL)

Catarina Barros

Exposição cenográfica do espetáculo Pantagruel do Teatro Experimental do Porto.

CCOP – Círculo Católico de Operários do Porto

29 de maio a 19 de junho.

Notas Biográficas

Catarina Barros nasceu em Braga, em 1977.

Em 1996, conclui o Curso Tecnológico de Design, Marketing e Publicidade na ESAG. Em 1999, finaliza o Curso de Artes e Técnicas do Espetáculo/Cenografia e Figurinos – ACE. Em 2008, termina a Licenciatura em Teatro, Variante de Produção e Design – Ramo Cenografia, pela ESMAE.

Desde 1997, trabalha com companhias e grupos musicais como As Boas Raparigas..., Teatro de Marionetas do Porto, Teatro Ferro, Jangada Teatro, Sociedade de Atores – Ensemble, Ideias Obscuras-Assédio, Teatro Noroeste, Companhia Nacional de Bailado, Teatro do Bolhão, Teatro Oficina, Comédias do Minho, TEP, Mão Morta e Deolinda. Entre 1997 e 2007, colaborou como aderecista no TNSJ. É docente da ACE – Escola de Artes. Em 2016 foi nomeada pela SPA para o prémio de Melhor Trabalho Cenográfico.

Exposição

Teu espelho (Douro), 2016 (PORTUGAL)

Edgar Massul

Armazém 22

5 a 19 de junho

O projeto é constituído por três elementos:

1- uma instalação com areia e água do rio douro - "teu espelho (douro), 2016"

Ficha técnica: areia, água do rio Douro, membrana de borracha e spotlight, dimensões variáveis.

2- um livro com 160 páginas realizado com lama do rio douro - "douro, a love story book, 2016"

Ficha técnica: lama e água do rio Douro sobre papel, 160 páginas - 27 x 35 cm

3- uma série de trabalhos com lama do rio douro sobre papel, lona e filtro - "das tuas margens, aroma a terra: vigília da razão, 2016"

Ficha técnica: lama e água do rio Douro sobre papel, lona e filtro, dimensões variáveis.

Com esta apresentação no FITEI, Edgar Massul termina este projeto que iniciou em 2014 na ria Formosa e passou pelo rio Tejo e Mondego em 2015. Para 2017 está prevista a edição de um livro em que reunirá todos trabalhos desenvolvidos nos quatro rios.

Atividades do PARALELO no âmbito do FITEI

23, 24 e 25 de maio – WORKSHOP

Sala de Ensaio do Rivoli

14h00 às 18h00

JORIS LACOSTE – ENCYCLOPÉDIE DE LA PAROLE - SUITE n°3

Oficina de recolha de material

Este workshop tem como objetivo mergulhar profundamente no trabalho da Enciclopédia, pois visa recolher gravações da palavra falada. Através de várias ferramentas de recolha, testes e metodologias (pesquisa na Internet, gravações pessoais) é colocado a descoberto o diverso material recolhido, que posteriormente será reunido e partilhado por todos os participantes.

Durante a procura e audição dos novos documentos orais, os participantes serão convidados a identificar critérios de fala significativos e a realizar uma categorização formal, o que significa que os documentos de diferentes tipos e de diversos contextos serão colocados na mesma posição.

A língua portuguesa será o foco principal. Isto levará a uma reflexão sobre as suas singularidades: acentos, formulários, idiosincrasias; geográficas, históricas, culturais, contextos políticos e sociais.

Este workshop é destinado a artistas, pesquisadores, estudantes e a qualquer pessoa que tenha um interesse no que diz respeito à escuta e à palavra falada.

Os participantes são convidados a trazer os seus computadores portáteis.

14h00 - 18h00

Orientadores: Joris Lacoste e Elise Simonet

Idioma: Inglês ou Francês

CONVERSAS PÓS-ESPECTÁCULO

28 de maio | sábado

Suite N. 2 de Joris Lacoste (21h30 no G.A)

Conversa pós-espetáculo moderada por Gonçalo Amorim

Rivoli – Café/concerto

3 de junho | sexta

Pirandello da Mala Voadora

Conversa pós-espetáculo moderada por Sara Fanqueira

Arquiteta, cenógrafa e mediadora cultural

Rivoli – Café/concerto

10 de junho | sexta

Segunda-feira de Cláudia Dias (21h30 no palco G.A)

Conversa pós-espetáculo moderada por Inês de Carvalho

Cenógrafa, criadora de projetos nas artes visuais e performativas, artista-educadora

17 de junho | sexta

O nosso desporto – Gonçalo Waddington

Conversa pós-espetáculo moderada por João Martins

Músico e Sonoplasta

Rivoli – Café/concerto

Masterclass

7 junho | terça - 11:00

ESMAE

HUGO RIBEIRO

Construção de formas animadas para teatro de rua

9 junho | Quinta - 10:00

ESMAE

Hélder Maia

14 junho | terça - 18:00

Sala Estúdio - ESAP

Alunos do 3º ano de Teatro

Sob a orientação de Marta Freitas

“Do texto à cena”

Aula Aberta ESAP

15 junho | Quarta - 12:00

ESAP

Mario Rojas e Roberto Merino

“A lição de Eugène Ionesco”

Conversa

16 junho | Quinta - 10:00

ESAP

Alexis Moreno

Masterclass

17 junho | Sexta - 10:00

ESAP

Alexandra van Hummel

Masterclass

17 junho | Sexta — 16:00

Espaço FITEI

Antonio Altamirano

Conversa

18 junho | Sábado - 10:00

Espaço FITEI

Sara Franqueira

Masterclass

Mais Informações:

fitei.com

<https://www.facebook.com/FITEI-Festival-Internacional-de-Teatro-de-Expressão-Ibérica-279>

Comunicação e Imprensa FITEI

Joana de Belém (+ 351 918411408)

Isaura Magalhães (+351 937455527)

comunicacao@fitei.com / imprensa@fitei.com

